

Jornalismo em quadrinhos: uma breve análise da HQ Meninas em Jogo¹

Laura Sanábio Freesz Rezende²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais

RESUMO

Nesses tempos de incerteza no jornalismo tradicional, a junção de elementos jornalísticos e literários, bem como de suas respectivas linguagens, seria uma alternativa válida? Agora, além das características de mídia e literatura, soma-se a um outro elemento muito importante: a internet. Isso deixa o público mais perto do entrevistado? Torna o resultado mais atrativo? Além de estudar o cruzamento entre a história em quadrinho e jornalismo, o intuito é analisar o poder da disseminação desse novo estilo na rede.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; literatura; narrativa; jornalismo em quadrinhos.

1 JORNALISMO EM QUADRINHOS

Histórias em quadrinhos sempre estiveram presentes nos jornais, em forma de charges e tiras. Porém, na década de 1990, a expressão “Jornalismo em Quadrinhos”(JQ) ficou conhecida com a reportagem *Palestina*, do jornalista maltês Joe Sacco. A obra tratava sobre conflitos na Bósnia e na Faixa de Gaza. As matérias, que juntavam texto jornalístico com imagens e desenhos, como nas HQs, chegaram a ser publicadas na *Folha de S.Paulo*.

Apesar de ser precursor da nomenclatura JQ, Sacco não foi o primeiro a usar a técnica. Joyce Brabner, em 1988, produziu um livro-reportagem em quadrinhos chamado *Brought to Light*. Entretanto, como a expressão Jornalismo em Quadrinhos ainda não era usada, a obra foi classificada como *graphic docudrama* (DUTRA, 2003).

Sobre a denominação da técnica, os autores se dividem entre *Jornalismo em Quadrinhos* (JQ), *Jornalismo História em Quadrinho* (JHQ) ou até mesmo *Jornalismo gráfico*. Vinícius Silva, no artigo *As Histórias em Quadrinhos como Gênero Jornalístico Híbrido: o Jornalismo em Quadrinhos*, explica:

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do grupo de pesquisa Mídia e Literatura, orientado pela Profa.Dra. Cláudia Thomé. E-mail: laura.sanabio@gmail.com

Para evitar problemas de nomenclaturas, faremos uma breve explicação sobre as diferenças de termos entre Jornalismo em quadrinhos, de quadrinhos e com quadrinhos para que não ocorram equívocos. O primeiro termo evoca, essencialmente, a prática híbrida das linguagens jornalística e quadrinística. É obra baseada em processos de investigação jornalísticos, narrativas e técnicas dos quadrinhos para a apresentação de informações. Dessa forma, adaptações de reportagens que não foram especificamente pensadas para esse meio, como o uso de quadrinhos em infográficos, as charges, cartuns e tiras publicadas nos jornais não são JHQ. Os infográficos entrariam no que se chama jornalismo com quadrinhos – isto é, quando utiliza-se alguns dos recursos quadrinísticos para dinamizar as produções –, enquanto charges, cartoons e tiras estão colocados dentro do gênero opinativo jornalístico (MELO, 2003) e nada tem a ver com o fazer JHQ, por não existir preocupação de produção de matéria jornalística. Em relação ao jornalismo de quadrinhos, pode-se dizer que é aquele especializado em falar sobre a linguagem e as produções da atualidade na área. (SILVA, 2012. P. 5)

Em 1992, o sueco Art Spiegelman recebeu o prêmio Pulitzer por sua obra *Maus*. O livro, em formato de quadrinhos, falava, em um relato autobiográfico, sobre os sobreviventes do Holocausto na Suécia. Sete anos depois, na Alemanha, foi fundado o grupo Monogatari, que publicou duas importantes reportagens: *Alltagsspionage*, lançada em 2001, sobre Berlim e *Operation Lækkerli*, em 2004, sobre Basileia, na Suíça. Um dos integrantes do grupo, Jens Harder, continuou trabalhando com jornalismo em quadrinhos e publicou o livro reportagem *Cargo*, com colegas alemães e israelenses.

No nosso país, em 2007, o movimento estudantil da Bahia foi retratado em uma reportagem em quadrinhos de 30 páginas pelo jornal baiano *A Tarde*. Em 2010, o portal Globo.com lançou um JQ na sessão de esportes, falando sobre o tricampeonato da seleção masculina de vôlei, que aconteceu na Itália.

A prática do jornalismo em quadrinhos ainda é tímida em relação às formas mais tradicionais, mas vem ganhando espaço e aumentando sua aceitação. Na França, por exemplo, os quadrinhos do jornalista Philippe Chohen sobre o Nicolas Sarkozy venderam cerca de 300 mil exemplares. No Brasil, sua difusão começou na metade do século XIX, com publicações do italiano Ângelo Agostini.

Karina Dacol, em reportagem publicada na revista online da Cásper Líbero, afirma, ainda no título, que “o quadrinho mostra e o jornalismo conta”. Ainda na mesma matéria, Dacol fala sobre como os repórteres de quadrinho deveriam se inspirar na obra e, principalmente, na linguagem de Joe Sacco. Ele não foi o primeiro a escrever uma reportagem em quadrinhos, mas redigiu o que foi considerado o marco para o chamado “Jornalismo em Quadrinhos” (JQ). Na reportagem *Palestina- Uma nação ocupada*

(2010), ele contou com detalhes os conflitos que presenciou nos momentos de guerra entre Palestina e Israel. Em uma entrevista divulgada pelo Estado de São Paulo, Sacco é questionado sobre como fez para evitar certa morbidez que seria possível ao retratar os massacres.

Bem, não queria esfregar tudo na cara dos leitores. A coisa boa do desenho é que serve como filtro. Não sei quanto a você, mas se eu visse um filme com aquelas imagens... É de deixar doente. Mesmo fotografias, seria difícil ver um livro com fotografias de situações como aquelas. Com desenho, não se pode dizer que seja agradável, mas é possível olhar. Além disso, até onde sei, não há fotos daqueles massacres. Com o desenho, com acesso a fotografias de como eram as pessoas ou os campos de refugiados, você pode até certo ponto recriar isso. (COZER, Estadão, 2010).

A maior parte das reportagens feitas até hoje em quadrinhos são sobre conflitos, guerras e situações políticas. Raras são as exceções. Também não são todos os veículos de comunicação que aceitam publicar esse tipo de material, ainda em ascensão.

O objeto de estudo a ser analisado aqui é a HQ: *Meninas em Jogo*, escrita pela jornalista Andrea Dip, repórter da Agência Pública, e ilustrada pelo quadrinista Alexandre de Maio. Andrea começou a trabalhar na área de direitos humanos em 2001, na revista *Caros Amigos*, e já foi colaboradora da *Marie Claire* e da *Trip*. Em 2014, ela produziu a primeira reportagem investigativa em quadrinhos do Brasil, conquistando 4 prêmios, dentre eles o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo. O principal tema é “Violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto da Copa do Mundo 2014”. A pauta original, “Jogo sujo: Copa faz crescer ameaça de exploração sexual infantil”, deu origem a cinco capítulos de histórias em quadrinho. Para efeito de análise, serão estudados todos os episódios, além do prólogo e do “making off”.

A convergência entre mídia e literatura não é novidade. Ela apenas foi potencializada. Em seu livro *Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema*, Vera Follan já situava produções no limite entre as áreas da Comunicação e a dos estudos de Literatura Brasileira. É uma ideia semelhante à usada por Bakhtim no *Dialogismo*.

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. (Bakhtin, [1979]; 2003, p. 297).

Essa imersão em bases culturais como história em quadrinho, literatura e fotografia, entretanto, poderia gerar um enfraquecimento do jornalismo quanto a sua credibilidade. A estética quadrinista, por vezes, gera dúvida sobre a separação entre jornalismo-realidade e quadrinho-ficção. É aí que vem a importância da construção jornalística em si, da apuração e da veracidade.

Partindo da hipótese de que é uma forma do jornalismo, na atual crise do sistema, se recolocar sem perder a credibilidade de apuração e reportagem, busco analisar narrativa e jornalisticamente a *HQ: Meninas em Jogo*. Noticiar e contar uma história não são divisões entre jornalismo e literatura, mas são pontos complementares da nova produção jornalística. A reportagem em quadrinho se apropria tanto do jornalismo tradicional, com lead e sublead, quanto de outras características narrativas. Por exemplo, a repórter aparecer como personagem da história. O resultado se torna mais atrativo porque pode haver maior identificação dos leitores com relação aos entrevistados. Além disso, a estética chamativa também gera um número maior de leitores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As mudanças históricas, aliadas à evolução dos meios de comunicação, permitiram que o jornalismo crescesse e se desenvolvesse a partir dos reflexos desses contextos. Com a chegada do computador, por exemplo, o usuário torna-se, ao mesmo tempo, receptor e emissor de mensagens. Essa maior interatividade possibilitou a convergência das tecnologias de comunicação. McLuhan, em *Os meios de comunicação como extensões do homem (1964)*, fala sobre a evolução dos meios e de como o sistema escrito aumenta a memória e alcança lugares e tempos mais distantes. O autor ainda diz que, enquanto no Jornal, no rádio e na TV a mensagem era passada de um mecanismo para as pessoas (sistema um-todos), nas novas tecnologias todos os usuários participam,

direta ou indiretamente, da produção de material (sistema todos - todos). Ele também defende que a evolução dos meios muda a relação entre emissor e receptor da mensagem. A maior interatividade permite que os espectadores participem, também, da construção da notícia.

No fim do século XX, o jornalismo intensifica sua relação com a publicidade. Os textos passam a ser mais curtos e fragmentados, a reportagem perde um pouco de valor se comparada às notícias e aos flashes. O jornalismo começa a perder o caráter opinativo, e o repórter passa a função de opinar para os chamados especialistas.

Depois, com a teoria do *gatekeeper*, descontrói-se o Paradigma do Espelho, que dizia que o jornalista é um simples transmissor da realidade, sem qualquer subjetividade e parcialidade. Apesar de ainda ser uma suposição feita entre os leitores, sabemos que essa imparcialidade é utópica. Gianni Carta, em *Velho novo jornalismo*, diz que:

[...] escrever na primeira pessoa não é (ou não deveria ser) um ato de vaidade: é, muitas vezes, a única maneira de escrever para escapar das garras do jornalismo que não toma partido e, talvez ainda mais importante, o melhor atalho para se soltar [...]. O jornalismo imparcial não existe pelo simples motivo: não se trata de uma ciência. O que o jornalista deve fazer é ouvir os dois lados da história. E ser honesto na hora de inseri-las no artigo – mas sempre teremos nossas preferências. Menos mal. (CARTA, 2003, p. 13)

O *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, surgiu na década de 60. Movido pela insatisfação de muitos profissionais da imprensa com a suposta objetividade dos textos dos jornais, o movimento foi se consolidando aos poucos, e as matérias jornalísticas passaram a ter apuração mais intensa e detalhada, com maior grau de subjetividade.

Em seu livro *Jornalismo e literatura* (2009), Felipe Pena ressalta quatro recursos básicos do *New Journalism*: reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. Pena ainda complementa:

Mas não é fácil. Não pense que basta aplicar os recursos para se tornar um jornalista literário. Principalmente porque você só conseguirá aplica-los se for um repórter extremamente engajado, entrevistando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível. Para isso, é preciso passar vários dias com as pessoas sobre as quais vai escrever.

E, no momento de mostrar os diversos pontos de vista, sua capacidade de descrição deve superar os melhores romances realistas. Mas lembre-se de que você está trabalhando com um texto não-ficção. (PENA, 2010. p.54)

Esse tipo de jornalismo nos interessa na análise da *HQ: Meninas em Jogo* por suas características, como construção cena a cena, ritmo de leitura mais agradável, profundidade dos personagens e passagens descritivas.

Tom Wolfe, Truman Capote e Norman Mailer falam sobre as características do chamado *New Journalism*. Será utilizada a obra de Capote *Radical chique e o novo jornalismo* (1973), que fala sobre teorias da comunicação, como as teorias do Paradigma do Espelho, *gatekeeper* e divisões do jornalismo.

Gianni Carta, em *Velho Novo Jornalismo* (2003), discorre sobre a técnica de narrar um acontecimento de forma a envolver o leitor na trama. Levando em conta a premissa de que não existe uma imparcialidade jornalística, Carta defende que o jornalista pode (e deve) usar as próprias impressões para completar as histórias.

A mistura entre jornalismo e aspectos literários não é novidade. Ao longo da história, muitos teóricos e autores tentaram definir um gênero específico. Felipe Pena (2006) diz que “se o princípio básico é o da transformação e da transitoriedade, a missão torna-se impossível. Então, a única alternativa é propor uma aproximação conceitual, identificando subdivisões possíveis de acordo com o momento histórico”.

Vera Follan, em seu livro *Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema* (2010), analisa a questão do “escritor multimídia”. Apesar de grande parte da obra falar sobre a convergência entre cinema e literatura, a autora dá bastante atenção ao fenômeno que mistura as narrativas de um meio para outro. Follan discorre sobre a expansão dos enredos transmidiáticos, em que o conteúdo se desdobra em filmes, histórias em quadrinhos ou seriados de televisão, e ainda ressalta:

Como se pode perceber, na contramão das categorizações estabelecidas com a modernidade, cada vez mais o texto vai deixando de ser considerado como obra fechada em si, para ser visto a partir de suas conexões no interior de uma ampla rede formada por inúmeros outros textos. A perfeição artesanal fica em segundo plano, priorizando-se as descontextualizações provocadas pelo trabalho combinatório, o que remete para as propostas estéticas das vanguardas do início do século, ainda que a marca utópica daquelas correntes se perca. (FOLLAN, 2010.p.14)

Vera, ao falar de narrativas migrante, defende a ideia do “escritor multimídia”. Ela dá enfoque no fenômeno que mistura as narrativas de um meio para outro. Nosso objetivo, aqui, é dar maior importância à relação transmidiática entre literatura e jornalismo, mais especificamente entre quadrinhos e reportagens.

A opção por uma perspectiva interdisciplinar está em consonância com o propósito de ultrapassar separações rígidas entre esferas da cultura que cada vez mais se interseccionam, sinalizando a necessidade de outros recortes, transversais às polarizações modernas, que permitam dar conta, por exemplo, da tenuidade das fronteiras entre a chamada alta cultura e a cultura midiática de mercado. Merece atenção especial o fenômeno de deslizamento das narrativas de um meio para outro, de um suporte para outro – o processo contínuo de reciclagem das intrigas ficcionais, recriadas para circular por diferentes plataformas. (FOLLAN, 2010. p.11)

Em *O prazer do texto* (1973), Roland Barthes fala sobre o que seria um texto ideal, remetendo aos novos modos de circulação dos textos na internet. Nele, as redes seriam múltiplas e se entrelaçariam, sem que nenhuma se sobrepusesse à outra em questão de ordem ou de importância. A revolução e evolução dos meios modificou a maneira de ler, afetando, também, o modo de escrever. Como será defendido durante o projeto, as obras passam a ser cada vez menos fechadas e mais abertas às interferências de outros meios.

No livro de Beth Brait, *Bakhtim, dialogismo e construção de sentido*, podemos perceber a importância que Bakhtim dava à linguagem. O ponto que mais nos interessa é aquele em que ele diz que todo enunciado carrega consigo uma mistura de vários outros enunciados ligados pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Isso quer dizer que um meio nunca é isolado dos demais e que vai haver, por mínima de que seja, uma conexão entre eles.

Beth Brait (1997) afirma que o dialogismo diz que todo enunciado carrega consigo uma mistura de vários outros enunciados ligados pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Isso quer dizer que um meio nunca é isolado dos demais e que vai haver uma conexão entre eles. Podemos perceber a importância que é dada à linguagem. Ela é constituída pelo conjunto de outras linguagens não inéditas. É essa linha de raciocínio que Bakhtim segue para falar do dialogismo e das convergências entre os meios.

Com base no que foi dito, pode-se afirmar que na composição de quase todo enunciado do homem social desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitidas por um ou outro processo. No campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo (...) (Bakhtin, 1988,p.153. *Apud* BRAIT, 1997)

Aristides Dutra defendeu sua tese na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com o título *Jornalismo em Quadrinhos: A Linguagem Quadrinística como Suporte para Reportagens na Obra de Joe Sacco e Outros Autores* (2003). Nela, Aristides ressalta que o JQ requer um tratamento diferenciado e minucioso se comparado aos demais tipos de reportagem, mas que tem, sim, lugar para isso nos jornais. Além de ser necessário o levantamento das informações, os aspectos e as características visuais das pessoas, dos lugares e dos fatos devem ser levados em conta. As matérias, ao invés de serem redigidas, segundo Dutra, são roteirizadas. O jornalismo do dia a dia já utiliza recursos em quadrinhos quando, por exemplo, usa boxes e infográficos para ajudar a narrar as matérias.

Dando destaque ao entrelaçamento entre a prosa literária e a reportagem, Follan (2010, p.12) diz que essa mistura está nas “convenções de representação que caracterizaram o romance realista, do mesmo modo que a proximidade com a nascente cultura periodística abre caminho para o surgimento do conto policial e da crônica.”

Muniz Sodré, em seu livro *A narração do fato* (2009), afirma que o gênero policial “guardará sempre as marcas dessa tensão fundacional entre a facilidade folhetinesca de seu texto e as referências refinadas que subjazem às operações do espírito necessárias à identificação dos criminosos” (2009, p. 253).

A narrativa em quadrinhos, por misturar traços jornalísticos e literários, por vezes, fez duvidar de sua veracidade e de seu comprometimento com a produção de um jornalismo “objetivo” e com o “compromisso com a verdade”. Entretanto, autores defendem que essa fusão é natural da nova realidade e não prejudicial.

De um lado ficava, assim, a subjetividade do escritor, e do outro, a objetividade jornalística, que consiste no fundo em uma estratégia retórica, destinada a garantir ao discurso do jornalista um reconhecimento de neutralidade ou isenção frente à realidade descrita. Esta separação não

implica o afastamento físico, ou mesmo profissional, de escritores das redações de jornais, nem o abandono de recursos da literatura na elaboração de textos jornalísticos. Mas se trata aí de empréstimos, de influências (às vezes, mútuas), e não de equivalência de identidades. Quando um jornalista se comporta como um narrador literário – por exemplo, usando linguagem pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca a seu relato, litigiando com as fontes de informação, etc. – não está “fazendo literatura”, e sim lançando mão de recursos da retórica literária para captar ainda mais atenção do leitor. (SODRÉ, 2009. p.143)

Follan (2010) reitera que a não somente a mistura de literatura e jornalismo, mas também a de diversos meios comunicacionais, é positiva.

Trata-se, no caso da literatura, de um esforço para adaptar-se aos novos tempos, caracterizados pela proliferação de narrativas, disponibilizadas pelo mercado cultural, nos mais diferentes suportes. Proliferação esta que se constitui no interior de uma ampla rede em que os bens simbólicos circulam, de maneira descentrada, desfazendo-se antigas hierarquias, ao mesmo tempo em que o mercado, seguindo a lógica comercial, cria segmentações de acordo com o tipo de público a que o produto se destina. Textos e imagens deslizam de um suporte para outro, intensificando-se o intercâmbio entre os diferentes meios, o que ocasiona mudanças de significado dos objetos que se deslocam, exigindo mudanças nos protocolos de leitura. (FOLLAN, 2010. p.62)

O jornalista na cena se faz importante “quando abdica da noção quantitativista de informação pública (quanto mais dados e detalhes, maior o conhecimento) em favor daquela dimensão sensível, que possibilita ao leitor uma compreensão acontecimento mais *perceptiva* do que intelectual” (SODRÉ, 2009. p.70). Quanto ao profissional, a credibilidade se dá mais pelo histórico profissional do que pelo fato de realizar um jornalismo profissional ou não.

A credibilidade decorre muito provavelmente do lugar privilegiado que o jornalista ocupa como mediador entre a cena do acontecimento e a sociedade global: o lugar da testemunha. “Ser testemunha é assistir a um acontecimento, ter em consequência um acesso direto, imediato ao que se está produzindo. O fato de estar *presente no lugar* confere à testemunha direitos morais e direitos à comunicação”. *Histor* (de onde deriva a palavra *história*) é como o antigo grego designava a testemunha, aquele que, por ter visto o acontecimento, investia-se do direito de narrar. (SODRÉ, 2009. p.47)

3 BREVE ANÁLISE NARRATIVA: MENINAS EM JOGO

Felipe Pena, em seu livro *Jornalismo e literatura* (2009). Fala sobre o conceito da “Estrela de sete pontas”, sete diferentes itens que facilitam a compreensão da mistura

entre a literatura e o jornalismo. São eles: Potencializar os recursos do jornalismo, mantendo-se os princípios da redação, como apuração rigorosa e abordagem ética, sem abrir mão das técnicas narrativas; ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano; proporcionar uma visão ampla da realidade, com textualização mais abrangente; exercitar a cidadania; romper com as correntes do lead; ir além das fontes oficiais; perenidade, ou seja, a obra não pode ser efêmera ou superficial. É através desse conceito que irei analisar a História em Quadrinhos *Meninas em jogo*.

Uma das características mais que mais marca a união entre jornalismo e literatura nos quadrinhos estudados é o fato de a repórter, Andrea Dip, ter virado personagem e ter escrito suas falas em primeira pessoa (Imagem 1). As falas, assim como nos quadrinhos, são transcritas em balões.



Imagem 1: trecho da HQ *Meninas em Jogo*

O espaço e o tempo são bem delimitados, mas não necessariamente seguindo uma ordem cronológica. A barreira com o lead é quebrada, com a narrativa contendo vários pontos de virada. Entretanto, os princípios básicos do jornalismo não são rompidos, como a boa apuração, a confiabilidade das fontes, a credibilidade da jornalista e a abordagem ética.

Com uma textualização mais abrangente e uma apuração rica em detalhes, *Meninas em Jogo* conta diversas fontes importantes, que vão desde delegados, testemunhas e meninas envolvidas diretamente nos casos. Além disso, o fato de contar com o testemunho da própria jornalista agrega valor e significado à obra.

CONCLUSÃO

Na era atual do jornalismo, a rapidez das informações e da própria leitura se fazem cada vez mais valorizadas. É a corrida constante pelo furo de reportagem, por quem dá a notícia primeiro. Na contramão desse estilo, o Jornalismo em Quadrinho traz uma proposta mais lenta e aprofundada, tanto para o leitor quanto para o jornalista que o escreve. Essa mistura de linguagens e de artes ganha relevância no estudo pelo seu hibridismo. Por um lado, têm-se a ideia de objetividade e narração dos fatos reais, enquanto as Histórias em Quadrinho vêm com uma ideia comumente associada à ficção e o foco não só no enredo como também no personagem. Essa experiência estética do produto jornalístico exige um leitor mais contemplativo e demanda um tempo maior para sua confecção por completo. Porém, fica evidente que há, sim, espaço para novas experimentações no ramo jornalístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- CARTA, Gianni. *Velho novo jornalismo*. São Paulo: Editora CODEX, 2003
- COZER, Raquel. *Histórias reais que foram esquecidas*. Estadão. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,historias-reais-que-foram-esquecidas-imp-,615333>. Acesso em: 14 abril 2017.
- DACOL, Karina. *Histórias que estão nos gibis*. Casper Líbero. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/historias-que-estao-gibi/>. Acesso em : 20 maio 2017.
- DIP, Andrea. Papo de Homem. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/autores/andrea-dip/#artigos>. Acesso em: 14 abril 2017.
- DUTRA, Aristides. *Jornalismo em Quadrinhos: A Linguagem Quadrinística como Suporte para Reportagens na Obra de Joe Sacco e Outros Autores*. 2003. Tese de mestrado apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FOLLAN, Vera. *Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.

MCCLLOUD, Scott. *Reinventando os quadrinhos – como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte*. São Paulo: M.Books do Brasil Editora, 2006

MCLUHAN, Marshall, *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix.. 1964

PAIM, Augusto. Jornalismo em Quadrinhos: os filhos de Joe Sacco, Disponível em:
<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-jornalismo-em-quadrinhos>. Acesso em: 02 maio 2017.